

UBERIZAÇÃO DO TRABALHO: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DA EXPERIÊNCIA DE ENTREGADORES DE PLATAFORMAS DIGITAIS NA CIDADE DE BELÉM-PA

*THE UBERIZATION OF WORK: A PHENOMENOLOGICAL ANALYSIS OF DIGITAL
PLATFORMS DELIVERY WORKERS IN BELÉM-PA CITY*

Raphael Brito Neves¹

Lucivaldo da Silva Araújo²

RESUMO

Devido à retração de postos formais de trabalho e à perda de direitos trabalhistas, uma parcela da classe trabalhadora foi impelida a trabalhar em plataformas digitais como única alternativa de sustento. O artigo aborda os resultados de uma pesquisa que objetivou compreender os sentidos e significados da ocupação para entregadores por aplicativos a partir de suas vivências enquanto trabalhadores. Participaram do estudo qualitativo de orientação fenomenológica cinco entregadores de plataformas digitais por meio de uma entrevista semidirigida. Os discursos foram organizados em três unidades de sentido que abordam: as trajetórias laborais dos entrevistados, a forma da ocupação desenvolvida e a relação dos entregadores com as plataformas digitais. Os resultados apontam que o trabalho realizado por meio de plataformas digitais representa, para os entregadores, subsistência e significados negativos, em decorrência da grande carga horária trabalhada e ganhos abaixo da expectativa. Trata-se de uma nova forma de exploração das pessoas pelo trabalho, com potencial à despersonalização de seus corpos, constituindo, assim, um instrumento de degradação física e mental que reifica os trabalhadores.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional, Uberização do Trabalho, Fenomenologia.

ABSTRACT

Due to the retraction of formal jobs and the loss of labor rights, a part of the working class was forced to work on digital platforms as the only alternative for sustenance. The article aimed to understand the meanings and functions of the work occupation for platforms delivery workers from their experiences as workers. A qualitative research with a phenomenological orientation was carried out. Five delivery workers of digital platforms were interviewed through a semi-directed interview script. The speeches were organized into three units of meaning that approach the work trajectories of the interviewees, the form of occupation developed and the relationship of delivery workers with the digital platforms. Through the results, it was possible to verify that the occupation, work carried out through digital platforms, represents for the delivery workers function to subsistence and negative meanings due to the large workload and earnings below expectations.

Keywords: Occupational Therapy, Uberization, Phenomenology.

¹ Terapeuta Ocupacional pela Universidade do Estado do Pará. E-mail: toraphaelneves@gmail.com

² Pós-doutorado em Psicologia (Fenomenologia Teoria e Clínica -UFPA). Doutor em Psicologia Clínica (PUC/SP). Professor Adjunto do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS/UEPA). E-mail: lucivaldoaraujo@uepa.br

1. INTRODUÇÃO

Os humanos são seres ocupacionais, ou seja, necessitam do envolvimento em ocupações para que possam construir as suas identidades e atribuir sentido ao uso do tempo e à própria vida (LILLO, 2003).

A necessidade do engajamento em ocupações ocorre tanto por fatores biológicos quanto por fatores socioculturais. Biologicamente, as ocupações cumprem um papel primário no desenvolvimento de estruturas sociais e tecnologias que garantem segurança e controle em relação ao ambiente para o exercício de capacidades pessoais, além de suprir necessidades fisiológicas, como alimentação. No que corresponde aos fatores socioculturais, o envolvimento em ocupações é justificado pelo valor atribuído ao uso do tempo de um indivíduo pela sociedade (WILLCOCK, 1993).

O envolvimento em ocupações fornece aos seres humanos a base para o modo de sentir e se relacionar consigo mesmo e com o meio ambiente, desenvolve habilidades e competências e permite descobrir e buscar interesses (CHRISTIANSEN, 2005).

Apesar de existirem várias noções sobre o léxico ocupacional, pode-se considerar, de acordo com Pereira et al., (2018, p. 5), que:

As ocupações são ações que as pessoas fazem todos os dias como tomar banho, estudar, trabalhar, apresentam propósitos e significados individuais e/ou coletivos e podem ser compreendidas a partir de um contexto cultural (Clark, Wood & Larson, 2002; Clark & Zemke, 1996). São vivências subjetivas e não reprodutíveis (Carrasco & Olivares, 2008) e que organizam e estruturam a vida das pessoas (Hasselkus, 2006).

As ocupações podem ser compreendidas como um fenômeno que apresenta três dimensões: forma, sentido e significado. Tais elementos são indissociáveis entre si e estabelecem uma relação de influência mútua, em que uma dimensão interfere na outra. Além disso, toda ocupação é realizada em determinado contexto – ambiente físico, cultura e tempo – que exerce influências sobre as dimensões da ocupação (CARRASCO; OLIVARES, 2008).

Indivíduos realizam ocupações de acordo com os objetivos que almejam alcançar, imaginados e idealizados anteriormente. Ademais, são atribuídos significados às ocupações, por quem as realiza e pela sociedade, transformando o fazer em algo singular para cada pessoa. Significados são pessoais, únicos e dados de maneira multifatorial, com influências de aspectos ambientais, sociais, culturais e da história pessoal do sujeito (LILLO, 2003).

O sentido pode ser definido como o propósito, o porquê da realização de uma determinada tarefa. Assim como os significados, os sentidos são de caráter subjetivo, sendo atribuídos pelos indivíduos e pela sociedade. Já a forma é a relação concreta entre a ocupação, o ambiente em que ela é realizada e o tempo, ou seja, a maneira como se faz algo em um ambiente de espaço e tempo (CARRASCO; OLIVARES, 2008).

Segundo a Associação Americana de Terapia Ocupacional (*American Occupational Therapy Association* – AOTA, 2020), as ocupações podem ser classificadas em: atividades de vida diária (AVD); atividades instrumentais de vida diária (AIVD); gerenciamento de saúde; descanso e sono; lazer; educação; brincar; participação social; e trabalho.

Engels (1990) considera o papel fundamental do trabalho na evolução humana. O autor pondera que o envolvimento em tal atividade proporcionou aos antepassados humanos características físicas, mentais, comportamentais e culturais de extrema relevância à espécie.

Além disso, destaca que o trabalho transforma/transformou não somente os seres humanos, mas também o meio em que vivem.

Os contextos nos quais as ocupações acontecem são fatores que implicam em possíveis repercussões, positivas ou negativas, ao indivíduo, ou seja, as escolhas ocupacionais podem ocasionar consequências aos seres humanos de acordo com a sua forma, função e significado, sob ampla influência do contexto em que essa ocupação é realizada (DICKIE, 2011).

Considerar o contexto ocupacional, nesse sentido, implica afirmar que o modo como se dá o engajamento em ocupações não advém somente de fatores pessoais, mas também de influências externas, micro e macropolíticas (GALVAAN, 2012). Assim, ressalta-se que pessoas ou comunidades podem se envolver em ocupações insalubres e perigosas por conta de fatores socioeconômicos e políticos, como trabalhos precários.

O trabalho precarizado, formal ou informal, pode ser caracterizado pela imersão dos indivíduos em processos de perda da identidade pessoal e coletiva, relações marcadas pela efemeridade, insegurança e esvaziamento de sentido do fazer, que reduzem o trabalho à função de sobrevivência. Esse envolvimento ocupacional interfere diretamente na constituição da identidade social do indivíduo e no modo como a ocupação é vista pelos seus executores (VASCONCELOS, 2020).

Além disso, o processo de precarização do trabalho é marcado pelos baixos salários, pelas transferências de custos da tarefa ao trabalhador e pelo potencial de acometer agravos à saúde física e mental dos indivíduos (VASCONCELOS, 2020; ANTUNES, 2018).

No Brasil, a precarização do trabalho acontece, entre outros fatores, em consequência da expansão de políticas que facilitam a flexibilização dos vínculos empregatícios (ARAÚJO; MORAIS, 2017; ANTUNES, 2014). Em decorrência dessa flexibilização, ocorre o crescimento dos postos de trabalho informal e a diminuição de vagas de empregos formais. Tal processo cria grupos de indivíduos que se perpetuam em atividades periféricas de trabalho e que não conseguem adentrar no mercado formal. Para esses indivíduos conseguirem trabalhar e, por consequência, ter uma renda, precisam se inserir em processos de informalidade caracterizados pela ausência de direitos trabalhistas, instabilidade e insatisfação pessoal (ARAÚJO; MORAIS, 2017).

Na abordagem das formas de trabalho precarizado instaurados no Brasil, deparamo-nos com o fenômeno da uberização, uma forma peculiar de ordenamento das relações trabalhistas instituída no país com a conivência do Estado, a partir de uma política neoliberal que busca flexibilizar as relações empregatícias, gerando maior lucro e menos custos para o empregador. Esse fenômeno é pautado na extrema flexibilização e precarização das relações trabalhistas e não se restringe à empresa Uber®, referência para o termo uberização, mas se estende para diversas empresas e setores econômicos (ABÍLIO, 2020).

Para Abílio (2020), a uberização é uma modalidade de relação de trabalho que ocorre por meio de plataformas digitais e é pautada na inexistência de vínculos empregatícios entre as empresas-aplicativo e os trabalhadores. Assim, para exercerem suas atividades laborais nessas empresas, é necessário apenas que esses trabalhadores se cadastrem na plataforma digital, garantindo a inexistência de direitos trabalhistas previstos na legislação do país.

Nessa modalidade de relação de trabalho, os custos e riscos relacionados à operacionalização da atividade exercida são transferidos aos trabalhadores, sendo necessário instaurar um autogerenciamento a fim de garantir a rentabilidade financeira do trabalho. Essa estratégia é subordinada às demandas estabelecidas pelas plataformas digitais nas quais os trabalhadores são cadastrados. A remuneração do trabalho é pautada de acordo com a produção,

o que, somado ao autogerenciamento e subordinado à plataforma, acaba por aumentar o tempo de trabalho para que os indivíduos possam garantir os ganhos necessários à sua sobrevivência (ABÍLIO, 2019; ABÍLIO, 2020).

Tendo em vista a centralidade do trabalho na vida humana, como dimensão ocupacional, o qual propicia sentido, significados e identidade pessoal aos sujeitos, faz-se necessário investigar ocupações que possam romper os processos de subjetivação a partir de relações de trabalho precarizadas.

Considerando essas relações no contexto das vivências de trabalhadores de plataformas digitais (*Uber Eats*[®], *iFood*[®], *Rappi*[®] e *99Food*[®]), pautadas na ausência de direitos trabalhistas, insegurança financeira, exploração física, sobrecarga mental e controle algorítmico (ABÍLIO, 2019; ABÍLIO, 2020), esta pesquisa objetiva responder a seguinte questão: quais os sentidos e significados atribuídos ao trabalho por entregadores de aplicativos?

A partir de uma perspectiva da Ciência da Ocupação, Terapia Ocupacional e fenomenologia existencial, este estudo buscou compreender os sentidos e significados do trabalho para os entregadores de aplicativos em um contexto regional e ampliar o campo de conhecimento dedicado à dimensão subjetiva desses trabalhadores imersos em um processo de precarização do trabalho com características peculiares, como aquelas encontradas em uma metrópole da Amazônia, como Belém do Pará.

O texto está dividido em: método, abordando o delineamento metodológico da pesquisa, forma de obtenção e análise dos dados; resultados e discussão, que está subdividido em três áreas temáticas, “Sobre trajetórias laborais”, “Sobre a forma do trabalho uberizado e suas repercussões” e “Sobre a relação do trabalhador com as plataformas”; e considerações finais.

2. MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, transversal, descritiva e de orientação fenomenológica.

Pesquisas qualitativas focalizam compreender fenômenos subjetivos que estão intimamente ligados aos significados que os indivíduos atribuem às suas vivências, pois tal estruturação de pesquisa compreende que o sujeito e realidade são fatores que não podem ser separados. Para tal, utiliza dados não quantificáveis e que não podem ser analisados por métodos estatísticos (PRODANOV; FREITAS, 2013).

Pesquisas transversais são delimitadas por um intervalo de tempo, cujo recorte é bem definido. Esse tipo de pesquisa visa investigar fenômenos no momento em que acontecem (HOCHMAN et al., 2005). Já pesquisas descritivas visam registrar e descrever os fenômenos, muitas vezes por meio de entrevistas, questionários, formulários e observação (PRODANOV; FREITAS, 2013).

A pesquisa fenomenológica busca estudar os fenômenos pela experiência das pessoas que os vivenciam. Por meio dela, busca-se descrever o fenômeno sem a pretensão de estabelecer vínculos causais, explicações ou predições (COLTRO, 2000; CARVALHO; FREITAS, 2013).

Estudos fenomenológicos de base hermenêutica, como o proposto, originam-se na filosofia fenomenológica e se dedicam a objetos de investigação que ultrapassam a noção de ciência pautada na mensuração, generalização e reprodutibilidade dos resultados em ambientes controlados. É importante frisar, nesse sentido, que não há uma única forma de fazer ciência, tampouco há uma única noção de ciência e do que é considerado científico nos tempos

pós-modernos. Do mesmo modo, não há uma única forma de pesquisa fenomenológica, já que a fenomenologia, como filosofia e método, é um projeto inacabado (ARAÚJO, 2016).

Nelson e Rawlings (2007) recomendam a construção de um caminho fenomenológico para cada pesquisa, sendo necessário que o pesquisador explicita o aporte teórico utilizado e os passos seguidos em consonância com as qualidades do fenômeno sob investigação; isto é, indicar e contextualizar suas escolhas. Talvez, por isso, como diz Mansini (1989), seja mais coerente falar em postura(s) ou atitude(s) fenomenológica(s).

Pesquisas qualitativas de orientação fenomenológica têm como um de seus princípios basilares o aprofundamento nas minúcias da experiência vivida (GOLDENBERG, 2007; FROTA, 2010). Desse modo, o tamanho da amostra não é definido por um método de amostragem baseado em procedimentos estatísticos, mas pelo critério de saturação que considera a repetição de informações como marco analítico de que os dados daquele contexto e/ou fenômeno não adicionam mais ao objetivo do estudo (MUCHIELLI, 1991).

Nesse sentido, para a seleção dos participantes da pesquisa foi utilizado o método de amostragem do tipo bola de neve. Esse tipo de amostragem não probabilística utiliza de cadeias de referência, ou seja: estabelece-se contato com um indivíduo e ele apresenta os próximos potenciais participantes ao pesquisador, criando, assim, uma rede de contatos (VINUTO, 2014).

Os critérios de inclusão utilizados foram: pessoas que trabalham com entregas por meio de aplicativo há pelo menos seis meses e que concordaram em assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram excluídos indivíduos que não tinham o trabalho de entregas por plataformas como fonte de renda primária. Os dados foram obtidos durante o mês de novembro de 2021.

2.1 Instrumento para obtenção de dados

Os dados foram obtidos por entrevista semidirigida com questões abertas que exploraram a vivência, os sentidos e os significados atribuídos pelos sujeitos à sua ocupação. As entrevistas foram realizadas em um ponto de encontro público em que os trabalhadores se aglomeram à espera dos chamados de entrega por aplicativo localizado no centro da cidade de Belém-PA.

Turato (2008) considera a entrevista um método de coleta que possibilita um encontro intimista entre o pesquisador e o entrevistado. Segundo o autor, entrevistas semidirigidas são instrumentos que visam à partilha de direção da entrevista entre o entrevistador e o entrevistado. Nessa forma de obtenção de dados, o entrevistador deve estar atento à fala do entrevistado, portando-se de maneira a instigar e facilitar o desvelamento de sentidos para compreender o fenômeno em foco.

As entrevistas tiveram duração aproximada de 40 minutos, foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas. Em seguida, foram submetidas à análise hermenêutica do discurso proposta por Paul Ricoeur (RICOEUR, 1988).

Ricoeur compreende que a linguagem, enquanto discurso, apresenta diversos significados. Além disso, o autor compreende que existem múltiplas interpretações possíveis de um único discurso; entretanto, pondera que nem toda interpretação pode ser considerada verdadeira, sendo necessária consistência analítica por parte do pesquisador-hermeneuta (MELO, 2016).

A análise do material empírico envolveu a organização dos discursos, transformados em texto, em categorias analíticas ou unidades de sentido, forma de trabalhar os dados já empregada por diversos autores que se utilizam do método qualitativo hermenêutico (ARAÚJO, 2016;

PINTO JÚNIOR, 2005; OLIVEIRA, 2007; RIGOTTO; GOMES, 2002). Cada categoria foi estruturada a partir da articulação entre os dados empíricos obtidos, a compreensão fenomenológica do pesquisador e a vasta produção teórica do campo de conhecimento da ciência da ocupação e da terapia ocupacional.

Esse processo procura agrupar, por convergência, aproximação temática ou divergência, os temas oriundos dos discursos dos sujeitos que se relacionam entre si e permitem compreender os sentidos e significados da ocupação para os participantes da pesquisa. Nos estudos fenomenológicos que se utilizam dessa forma de apresentação e discussão dos dados, as categorias são empregadas para estabelecer classificações, agrupando elementos, ideias ou expressões que se desenvolvem em torno dos sentidos que os sujeitos atribuem ao fenômeno estudado.

O desenvolvimento da pesquisa obedeceu a todos os critérios éticos previstos para pesquisas envolvendo seres humanos do Conselho Nacional de Saúde (CNS 466/12). Foi submetido e aprovado em comitê de ética sob parecer n. 7.796.748. Os participantes serão identificados com pseudônimos em referência aos nomes mais comuns no Brasil no ano de 2021 (ARPEN, 2022), a fim de preservar a identidade dos participantes da pesquisa. Desse modo, serão identificados como Miguel, Arthur, Helena, Alice e Heitor.

Foram mantidas as construções verbais de suas narrativas na íntegra.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram entrevistados cinco entregadores de aplicativo que trabalham na região metropolitana de Belém.

As principais informações sobre o perfil dos colaboradores em relação ao trabalho, as plataformas em que atuam, carga horária diária trabalhada, dias na semana trabalhados e meio de transporte utilizado para a execução do trabalho, foram resumidos no Quadro 1.

QUADRO 1 – PERFIL DOS PARTICIPANTES

	Miguel	Arthur	Helena	Alice	Heitor
Idade	23	23	41	27	43
Gênero	Homem	Homem	Mulher	Mulher	Homem
Escolaridade	Ensino médio incompleto	Ensino superior incompleto	Ensino médio completo	Ensino médio completo	Ensino médio completo
Renda média mensal no trabalho no aplicativo	> de 1 salário mínimo	1 a 2 salários mínimos	1 a 2 salários mínimos	2 a 3 salários mínimos	1 a 2 salários mínimos
Plataformas em que trabalha	<i>Uber Eats</i> [®] <i>iFood</i> [®] (nuvem) <i>Rappi</i> [®]	<i>99 Food</i> [®] <i>Rappi</i> [®]	<i>iFood</i> [®] (OL)	<i>iFood</i> [®] (OL)	<i>iFood</i> [®] (nuvem) <i>99Food</i> [®]
Carga horária diária de trabalho	9 a 10 h/dia	7 a 8 h/dia	7 a 8 h/dia	11 a 12 h/dia	7 a 8 h/dia
Dias trabalhados/semana	6	7	6	6	7
Meio de transporte utilizado para trabalhar	Bicicleta	Bicicleta	Motocicleta	Motocicleta	Motocicleta

Fonte: banco de dados da pesquisa

A análise dos discursos dos colaboradores permitiu elencar três unidades de sentido: (1) sobre trajetórias laborais, que aborda o histórico ocupacional dos participantes e os motivos para a realização do trabalho uberizado; (2) sobre a forma do trabalho uberizado e suas repercussões, que aborda a maneira de realizar o trabalho e como afeta a vida dos sujeitos; e (3) sobre a relação do trabalhador com as plataformas, que explora a perspectiva dos trabalhadores sobre as plataformas em que trabalham.

3.1 Sobre trajetórias laborais

A análise das trajetórias que conduziram os participantes da pesquisa ao trabalho desenvolvido por meio de aplicativos aponta que todos tiveram experiências de emprego anteriores ao trabalho de entregador. As experiências prévias envolveram empregos formais de celetistas ligados ao segundo e ao terceiro setor.

*Antes de trabalhar com aplicativo, eu 'tava' trabalhando **em construção civil** como ajudante geral. (Miguel)*

*Eu tive dois empregos **em dois supermercados** de Belém. Um na Yamada, passei dois anos; e no Líder, supermercado Líder, eu passei três anos e meio. **Era carteira assinada.** (Helena)*

*Eu trabalhei **muitos anos no comércio**, né? Porque a Havan é comércio, né? Era mais com isso que eu trabalhava, **em shopping**... essas coisas assim. (Alice)*

*Trabalhei no Líder, como embalador, balconista de padaria. Trabalhei lá por dois anos, depois de um certo tempo saí. Passei um ano e pouco desempregado. **Aí fui trabalhei no comércio, né? Loja de tecido, fiquei lá por seis anos.** (Heitor)*

Entender a história de vida dos participantes a partir das ocupações em que se envolveram é de fundamental importância para traçar o perfil ocupacional dos entrevistados, já que pode ser definido como a síntese de ocupações já desempenhadas, crenças, valores, interesses, potencialidades e dificuldades. Por meio desse entendimento é possível obter melhor compreensão sobre suas motivações, suas expectativas e sua visão de mundo (AOTA, 2020).

As causas que levaram os colaboradores da pesquisa a trabalharem com entregas por aplicativos são múltiplas e não podem ser atribuídas a somente uma situação. Entre os motivos citados nos discursos, destacam-se a ruptura com o vínculo empregatício anterior por razões distintas. Os participantes Helena e Heitor, por exemplo, citam o rompimento por iniciativa própria, em razão do sentimento de desvalorização gerado em seus empregos anteriores. Os colaboradores Miguel e Alice, por sua vez, atribuem o motivo principal da desvinculação à redução do número de trabalhadores em função da pandemia de covid-19. O primeiro vincula o fato ao enfraquecimento do setor de construção civil e a segunda, à sua própria dificuldade em conciliar os papéis ocupacionais de mãe e trabalhadora.

*Aí, só que no período que entrou praticamente **pandemia aí dispensaram metade dos funcionários.** **Aí eu saí no meio deles, no caso, fui um deles a ser dispensado.** (Miguel)*

*Aí durante a pandemia, eu voltei pra Belém [...] voltei porque eu tenho uma filha pequena de dois anos e **durante a pandemia eu fiquei com dificuldade pra trabalhar e ter com quem deixar ela.** (Alice)*

A pandemia de covid-19 afetou diretamente o mercado de trabalho e os mais variados setores da economia de diversas formas. Acabou por intensificar e explicitar a deterioração do mercado de trabalho, tal qual advém de reformas pautadas em políticas neoliberais anteriores à pandemia e iniciadas principalmente no governo de Michel Temer e continuadas no governo de Jair Messias Bolsonaro (BRIDI, 2020).

Além disso, destaca-se que atividades ligadas ao cuidado são atribuídas principalmente às mulheres na sociedade patriarcal. Tais ocupações são fazeres ocultos, invisíveis e pouco valorizados. Durante o período pandêmico, houve intensificação de afazeres de manutenção do lar e de cuidados aos filhos, o que por sua vez acentuou a carga de tarefas atribuídas às mulheres, além da diminuição da rede de apoio devido ao fechamento de escolas e creches em função do isolamento social (DORNA, 2021).

O participante Arthur, diferente dos demais, não teve ruptura com o trabalho formal, já que o trabalho em aplicativos, na sua condição, ocorria concomitante ao vínculo celetista.

*Eu não ganho muito. Ganho um pouco mais que um salário mínimo, mas eu faço faculdade particular e **fora muitas dívidas que eu acabei adquirindo** nos últimos tempos, eu realmente 'tava' precisando de uma renda a mais no meu orçamento. (Arthur)*

Observam-se, nessa experiência, razões motivadas pelo endividamento pessoal como fator responsável pelo ingresso do trabalhador formal em uma jornada dupla de trabalho, em que a condição de entregador por aplicativo se coloca como fonte complementar à renda primária, que se mostrou insuficiente.

Outra causa identificada a partir do conjunto dos discursos como motivo para adentrar no mercado de entregas por aplicativos foi a ausência de oportunidades de emprego e renda, devido à dificuldade de realocação no mercado de trabalho.

*Eu espalhei currículo em tudo e **até agora ninguém me chamou**. Aí o único meio que eu tenho foi só esse, que eu tenho de trabalhar como autônomo de aplicativo. (Miguel)*
*Busquei trabalho [de carteira assinada], mas foi muito difícil achar. Deixei vários currículos e **sabe como tá difícil, né? Um emprego hoje em dia**. E... no caso pra mim, que só tenho segundo grau completo, ficou muito difícil achar emprego. Então parei de trabalhar um bom tempo, até surgir o aplicativo. (Helena)*

Nascimento e Reis (2020) consideram que, em decorrência da retração de postos de trabalho formais, agravado no período pandêmico, a fim de garantir suas necessidades básicas, os trabalhadores foram impelidos a buscar posto de trabalhos informais, subempregos marcados pela ausência de seguridade social e vínculo empregatício.

O caminho percorrido pelos entrevistados evidencia as marcas da vulnerabilidade social e da ausência de oportunidades empregatícias, fato que os conduziu a desempenhar o trabalho por meio de aplicativos de entrega, por ser a única forma de garantir renda imediata e cujo ingresso facilitado parecer ser um atrativo dadas as circunstâncias e necessidades particulares.

Nesse cenário, o trabalho parece assumir o sentido de subsistência. A ausência de menções sobre satisfação com o fazer ou qualquer outro sentido subjacente à tarefa na qual se envolvem parece reduzir o trabalho a algo que deve ser suportado, transposto, independentemente de suas condições, desde que garanta o retorno financeiro imediato que lhes permita subsistir diante das poucas oportunidades de emprego e renda em tempos de recessão econômica agravada pelo cenário pandêmico.

3.2 Sobre a forma do trabalho uberizado e suas repercussões

Um dos aspectos centrais em evidência nos discursos dos informantes é o quanto o trabalho preenche grande parte do tempo dessas pessoas.

*Eu saio de casa mais ou menos umas 8 horas. Aí eu fico das 8 até as 15h ou **então até descarregar o celular**. Aí eu vou pra casa almoçar. Aí retomo 17:30 ou 18h, e vou até o celular descarregar, por volta das 23h, meia noite, 1h, até quando a bateria der, no caso. (Miguel)*

*Geralmente eu trabalho oito horas, mas ultimamente **eu tô trabalhando onze**. (Alice)*

Trivellato e Paixão (2020) consideram que o tempo de trabalho é moldado pelas ânsias do capitalismo e que, por meio do processo de flexibilização das relações trabalhistas, ocorre a diminuição de direitos e a transferência de riscos aos trabalhadores. Assim, esses trabalhadores são impelidos a fazer jornadas exaustivas de trabalho para garantir maiores ganhos, o que garante às empresas maximização dos lucros pela maior exploração da mão de obra.

Nesse sentido, entregadores destacam insalubridade e periculosidade na execução do trabalho, tanto advindo da violência urbana quanto dos riscos de acidentes no trânsito.

*Ontem eu tava na área de ciclista, indo lá pra Júlio César fazer uma entrega. Alí perto do elevador Daniel Berg, tinha um motorista lá esperando o sinal abrir. Aí veio um carro de Uber® e não teve a mesma paciência que o da frente e **veio por trás e bateu em mim e em um colega meu. Meu tornozelo ficou muito machucado, no caso ainda tá**. (Miguel)*

Todos os entregadores entrevistados relataram ter sofrido algum tipo de acidente no trânsito. Ressalta-se, ainda, que Miguel havia sofrido um acidente no dia anterior à entrevista. Foi encontrado trabalhando por conta da falta de seguridade social e da necessidade de manter sua renda.

Essas narrativas corroboram os dados do relatório de pesquisa do Núcleo De Estudos Conjunturais da Universidade Federal da Bahia (2020) que apontam que um em cada três entregadores sofre algum tipo de acidente exercendo trabalho e que 65% deles conhecem algum entregador que sofreu acidentes trabalhando.

Outro aspecto ressaltado pelos informantes diz respeito ao modo como o trabalho afeta o desempenho de AVD, principalmente no que tange à alimentação e banho.

*Pra mim, assim... **minha vontade era ir em casa tomar um banho pra depois continuar, mas não dá, que eu moro longe**. (Alice)*

***Alimentar, praticamente, a gente ainda não tem muito tempo**. A gente, praticamente, tem que comprar algum lanche na rua. Água também a gente tem que comprar já e tomar no meio da correria. O banho só quando dá tempo de ir em casa, **é um banho rápido e volta pro trabalho**. (Miguel)*

*Eu, como eu evito o máximo gastar na rua, eu trago de casa. Só que tipo, eu não posso demorar pra comer, porque senão estraga na bolsa. Tem que ver o que eu vou trazer. **Mas geralmente eu trago meu almoço**. Eu almoço no mínimo duas horas da tarde. Ontem, por exemplo, eu esqueci de almoçar, já era quatro horas da tarde e eu ainda não tinha almoçado e foi quando apertou a fome e **eu lembrei e eu tenho gastrite, nem devia ficar nessa alimentação**. (Alice)*

Os trabalhadores citam a dificuldade de se alimentar de maneira adequada devido a diversos fatores, como falta de espaço físico, tempo necessário e recursos financeiros adequados para a realização da AVD de maneira satisfatória. Além da alimentação, os sujeitos abordam, em seus discursos, a dificuldade para tomar banho, principalmente aqueles que moram longe do local onde aguardam serem acionados para realizar as entregas.

Alimentação, banho e higiene pessoal são classificadas como atividades de vida diária (AVD). Essas AVD são ocupações com função de suporte e manutenção do corpo e da vida. Vale salientar que o desempenho das ocupações não depende somente do indivíduo, mas também do ambiente físico, contexto cultural e recursos utilizados (AOTA, 2020), ou seja, a falta de condições adequadas para sua realização pode acarretar um desempenho ocupacional insatisfatório para os indivíduos.

Somado a isso, os participantes que utilizam bicicleta como meio de locomoção para trabalhar citam elementos que apontam para o fato de como a alimentação insatisfatória, aliada a uma rotina de intensa necessidade energética, impacta na integridade física, resultando em perda de peso e, possivelmente, problemas de saúde.

Praticamente, no meu corpo o impacto é grande, né? Que antes de trabalhar com aplicativo, no caso voltar, eu 'tava' pesando 70 quilos e agora eu 'tô' com 56 quilos. Aí tudo isso por má alimentação, no caso. Comendo muita besteira. (Miguel)

[...] eu mesmo já notei perda de peso em mim, mas acho que também seja pelo fato de tá constantemente pedalando, né? Me alimentando mal querendo ou não [...]. (Arthur)

As ocupações de lazer e participação social também são afetadas pelo trabalho uberizado, seja por questões financeiras ou pela falta de tempo disponível para o envolvimento nessas ocupações de maneira plena e satisfatória.

Às vezes, dá vontade de sair, viajar, fazer alguma coisa, mas eu sei que pra mim viajar eu teria que ter toda uma programação, porque eu vou gastar com a viagem e vou tá deixando de receber também. Tem essa questão, tem que... tipo, planejar em dobro, né? Porque além de tá gastando com a viagem eu vou 'tá' deixando de receber. (Alice)

Acaba que tenho que muitas vezes sacrificar entretenimentos, coisas como sair pra uma festa ou mesmo comer em um lugar diferente. Isso faz tempo que eu não faço por conta de justamente ter prioridades no momento. (Arthur)

Na sociedade capitalista, o lazer não é percebido como um direito. Nesse modelo, o lazer assume somente o papel de vazão ao estresse, um fazer com o objetivo de amenizar os impactos da sociedade, visando maior produtividade. Considera-se que tal fazer deve ser reavaliado para além da condição que ocupa na atual conjuntura econômica do mundo contemporâneo, como uma ocupação com potencial para o crescimento e desenvolvimento humano (SOARES, 2019).

O discurso dos entrevistados, nesse núcleo temático, retrata a forma do trabalho uberizado de maneira exaustiva, insalubre e perigosa, que restringe os entregadores somente ao papel ocupacional de trabalhador e enfoca o desempenho da ocupação devido à longa carga horária trabalhada para garantir a renda necessária à sobrevivência. Além disso, a forma exaustiva do trabalho atua como um autor de degradação física e mental dos trabalhadores.

Aí a gente fica sem vida, fica praticamente um robô, não tem como não ficar satisfeito. Pra eles a gente é um robô. (Miguel)

Essa vivência pode estar relacionada ao fato de os entregadores atribuírem significados negativos ao trabalho, como algo penoso, degradante, limitante e mecanizado. Ademais, o trabalho nessas plataformas é apontado como um fator que causa impacto na subjetividade dos entrevistados, configurando-se como agente de despersonalização e coisificação dos trabalhadores.

Kielhofner et al., (2011) afirmam que ser um trabalhador é um papel ocupacional. Os autores refletem que papéis ocupacionais são concessões de identidade pessoal e coletiva

dos indivíduos. Eles estão intimamente ligados às expectativas da sociedade em relação ao engajamento e realização de comportamentos e ocupações pelos seres humanos, ou seja, toda ocupação é realizada de acordo com as expectativas sociais em relação ao papel ocupacional que tal indivíduo desempenha.

Prejuízos no desempenho do papel ocupacional de trabalhador têm consequências financeiras, emocionais e sociais que podem repercutir na identidade social, autoestima, sentimento de realização pessoal e, em sentido mais amplo, na saúde mental desses indivíduos (SILVA; SIME, 2019).

3.3 Sobre a relação do trabalhador com as plataformas

Entender como os trabalhadores enxergam seu vínculo com as plataformas em que trabalham é importante para compreender as relações de poder envolvidas nesse processo. Os trabalhadores destacam a ausência de vínculo empregatício e classificam a sua modalidade de ligação com a plataforma como prestadores de serviço.

*Somos meros **prestadores de serviço** mesmo, mas acho que eles não têm nenhum tipo de responsabilidade com a gente, pelo menos é o que eles acham. Pra eles não têm nenhuma responsabilidade com a gente, então o que venha acontecer com a gente no horário de trabalho, no horário que a gente tá logado na conta, não é responsabilidade deles, eles só querem que a gente faça a entrega. (Arthur)*

*Eu acho que sou tipo assim... **um prestador de serviço pra plataforma.** (Heitor)*

A ausência de vínculo é pautada pelos trabalhadores como transferência de riscos e ausência de direitos trabalhistas. Abílio (2019) considera que a ausência de relação empregatícia é justificada pelas empresas sob o argumento de que tais plataformas atuam somente como mediadoras da relação entre cliente e entregador/motorista. Tal argumento é infundado, pois as plataformas atuam no controle da distribuição do trabalho e na definição de valores dos serviços.

Vale salientar que operadores logísticos (OL), no *iFood*[®] apresentam vínculos que se diferenciam dos que trabalham como nuvem ou em outras plataformas. As participantes Helena e Alice, por exemplo, atuam nessa categoria e elucidam que, para além do vínculo com o *iFood*[®], elas têm vínculo com uma empresa terceirizada que presta serviços ao *iFood*[®].

Essa relação é dada unicamente por assinatura de um termo de compromisso dos entregadores com a empresa, ou seja, mantêm-se ausentes vínculos empregatícios e direitos trabalhistas. Nesse modelo, as empresas terceirizadas de entregas funcionam como mediadores entre a relação do entregador com a plataforma, determinando horários e localização em que o entregador deve atuar. Essa dinâmica impossibilita ao entregador desligar o aplicativo e pode resultar em punições, que vão desde a alocação em regiões com ganhos menores ao desligamento do trabalho como OL.

Alguns entregadores afirmam que os OL têm vantagens sobre os entregadores que atuam como nuvem, uma vez que os OL recebem mais pedidos e, por consequência, têm ganhos mais altos. Entretanto, outros entregadores contestam e afirmam que não há diferença nesse aspecto.

Antunes (2018) se utiliza do termo “escravo digital” para definir a grande parcela de proletários de serviços que trabalham em plataformas de digitais e não apresentam vínculos empregatícios ou seguridade social. Tal parcela da população é impelida a trabalhar para essas plataformas devido à corrosão de direitos trabalhistas e à diminuição de postos de trabalho formais, tendo que buscar um meio de sobrevivência.

Outro ponto destacado pelos entregadores é a ausência de suporte do aplicativo para a realização e o desempenho do trabalho. É destacada a falta de suporte em caso de acidentes, como o ressarcimento de despesas médicas e pagamento de insalubridade, manutenção do veículo e treinamentos.

*Ela [a empresa] só ouve o lado do cliente basicamente, o nosso ela não ouve. No caso, quando eu tava fazendo entrega pelo aplicativo, tentei, porque tem uma parte do aplicativo em que **eles falam que eles reembolsam nosso dinheiro com remédio que a gente gasta**. No caso to tentando entrar em contato pra reembolsar esse dinheiro e eles não respondem nada, só vai caindo, caindo lá as mensagem e eles não respondem nada. (Miguel)*

*É apertado, mas a gente tem que se organizar, porque o aplicativo não vai te dar nenhum dinheiro pra manutenção do teu veículo, então vai ser tirado do que a gente ganha mesmo e ponto. É questão da gente se organizar... **mas vai depender exclusivamente da gente**. Com certeza não [é justo], né? Mas sinceramente se a gente fosse parar pra olhar, acho que **difícilmente a gente iria encontrar justiça em qualquer tipo de empresa privada hoje em dia**. (Arthur)*

No modelo de uberização, os trabalhadores são autogerentes e subordinados, ou seja, os entregadores arcam com riscos e custeio da operacionalização da atividade laboral, sob a lógica imposta pelas empresas de que eles são autônomos e os aplicativos, mediadores do processo de trabalho, mesmo que essas empresas-aplicativo exerçam controle da distribuição do trabalho pelos algoritmos de inteligência artificial (ABÍLIO, 2019).

Bianchi, Macedo e Pacheco (2020) afirmam que a classificação do trabalho em plataforma digital como empreendedorismo é errôneo, pois a vinculação dos entregadores com essas plataformas apresenta os elementos básicos que tipificam o vínculo empregatício, segundo a legislação brasileira, a saber: “[...] prestado por pessoa física de forma personalista, a prática da remuneração, a não eventualidade e a existência de subordinação” (p. 129).

Em relação à renda obtida no trabalho pelos aplicativos, ela se apresenta variável em decorrência das horas trabalhadas, tipo de transporte utilizado e *score* dos trabalhadores na conta do aplicativo. Independentemente dessa variação, os discursos dos entregadores sobre esse tema apresentam frustração e insatisfação com os honorários atuais.

*[...] não tá tendo o retorno que eu desejava. Mas como eu te disse, por enquanto é o que tem... eu só procuro agradecer a Deus cada dia e continuar, se surgir alguma coisa melhor, a gente vai, mas por enquanto, **vou ficar aqui mesmo**. (Arthur)*

***A gente trabalha como autônomo e não tem quase nada em ganho**, só o da entrega que a gente faz mesmo que é bem pouquinho. (Miguel)*

Outro elemento presente nos discursos diz respeito às formas de controle exercidas pelas plataformas sobre os entregadores por meio da modelação da tarefa de acordo com os objetivos dos aplicativos. As formas de controle nem sempre são explícitas nesse modelo produtivo, muitas delas se dão por meio de um controle sutil.

*Positivo, é só quando eles dão um extra pra gente, que **eles botam uma meta pra gente bater**, essa meta é como se fosse um bônus pra gente. Isso é raramente que eles botam. Geralmente eles dão, só **um extra de 1 real ou 2 por rota, num tempo de duas horas no máximo**. Ai, tem muitos que não conseguem pegar corrida, que quando tem esse bônus todo mundo quer fazer entrega nesse tempo. E praticamente é pra ter mais entregadores na rua. (Miguel)*

*Tem as promoções que eles fazem também, a promoção de 2 reais, 3 reais, às vezes, até 5, entendeu? **Que é um ganho extra, dá pra ti fazer duas, três corridas e já dá pra aparecer um valor melhorzinho, entendeu?** (Heitor)*

Uma das formas de controle utilizadas pelas plataformas são as bonificações, nas quais os trabalhadores recebem uma meta de entregas a ser alcançada em um tempo delimitado previamente pelo aplicativo. Vidigal (2020) utiliza a expressão “gestão *gamificada* do trabalho” ao se referir à relação entre plataformas e trabalhadores baseada em recompensas e punições. Para a autora, a gestão *gamificada* tenta integrar dimensões afetivas, utilizando-se do fator desafiador, o que daria um caráter de jogo às atividades laborativas, e materiais, por bonificações, como uma maneira de suavizar o sofrimento gerado pelo trabalho precarizado.

O modelo de remuneração desse tipo de relação acontece por meio de salário por peça, ou seja, os ganhos são dados segundo o quanto o indivíduo produz. Nesse modelo, a gestão do tempo, o gerenciamento da produtividade e o custo da ociosidade são transferidos ao trabalhador, o que acaba por intensificar o trabalho, naturalizar jornadas extensivas, dar a sensação de liberdade para os entregadores/motoristas e maiores lucros à plataforma, ou seja, maior exploração (VIDIGAL, 2020).

Sendo assim, os algoritmos das plataformas, utilizando-se de técnicas de controle sutil e valendo-se da necessidade de sobrevivência e da falta de melhores oportunidades às pessoas envolvidas, acabam por modelar a forma do trabalho, gerando intensificação das atividades laborativas e sobreposição dessa ocupação sobre as demais, com o objetivo de gerar maiores lucros e maior controle da classe trabalhadora.

Ainda sobre as formas de controle que se utilizam da *gamificação*, pode ser citado o que os trabalhadores nomeiam de “conta boa”, ao se referirem ao *score* obtido na plataforma. Esse *score* é atribuído de acordo com os critérios do aplicativo e tem por base os comportamentos dos trabalhadores, tais quais: não rejeitar pedidos; realizar entregas no tempo preestabelecido; utilizar a plataforma de maneira recorrente; e a qualidade da relação com os clientes. Entregadores com *scores* altos recebem mais corridas com melhores pagamentos.

[...] é que nem cartão de crédito. Tu vai usando, pagando direitinho, aí vai aumentando o limite, entendeu? Então assim é o aplicativo, tu tem que vim todo dia, tem que fazer a entrega direitinho, no tempo certo, tu tem que ser gentil com o cliente, essas coisa assim, entendeu? Ai, os pedido vêm, com isso, com teu desempenho, vem mais corrida e teu tempo vai aumentando. (Heitor)

Olha a pessoa que é “nuvem” no iFood® e tem uma conta boa e toca. assim... aonde ele tiver logado, eles chamam o aplicativo dele. É a melhor coisa que tem, cara. Só que aí tem aquela questão, né? Se o “nuvem” tirar férias, assim férias, férias... parar de rodar um tempo o score cai... eu acho errado, claro. Acho errado, particularmente. Mas é uma forma de obrigar a pessoa a se manter ativa. (Alice)

Vale ressaltar que as variáveis envolvidas na composição do *score* não são claras aos entregadores. Duarte e Guerra (2020), em seu estudo sobre a plataforma *Uber Driver*®, consideram que o algoritmo apresenta mutabilidade no controle dos trabalhadores, ou seja, a plataforma se altera de acordo com os interesses e objetivos a serem alcançados pelas empresas.

Além de formas de controle sutil, existem formas de controle explícitas, como punições que podem variar de desligamentos temporários a definitivos na plataforma.

Aí, fica mais ruim [fazer entrega machucado], porque os clientes ficam reclamando que demora. Ai eu tento forçar pra ir mais rápido e meu tornozelo não deixa. Ai chega lá e eu tenho que explicar para o cliente. Tem cliente que entende, né? Nosso lado, mas tem cliente que não entende, aí começa a reclamar, entra em contato com o suporte, muitas vezes a gente é bloqueado ou até banido, a nossa conta. Ai se for banido nossa conta, não tem como trabalhar. (Miguel)

Muitos desses bloqueios acontecem de maneira arbitrária e unilateral, tendo como único ponto de referência os relatos do cliente/restaurante.

Salienta-se que os entregadores não são seres passivos diante da relação com os aplicativos. Existem, entre eles, articulações políticas que visam denunciar as condições de trabalho e buscar melhores condições para os entregadores.

*Olha, ainda não participei de nenhuma [manifestação], mas eu acho importante [...] é primeiramente por todo tipo de direito, principalmente direito de trabalhadores que a gente já conseguiu na história foi por manifestações, foi por paralisações, **então é importante, os entregadores [de aplicativos] se unirem como uma nova classe de trabalhadores que tá surgindo.** Quem sabe isso daqui pra frente seja regulamentado. Isso seria muito bom, até como um reconhecimento a mais. Então, sim, eu apoio, porque só quem tá aqui trabalhando sabe quais são todos os riscos e os males que a gente tá passando na rua, né? (Arthur)*

*Eu acho, às vezes, até desnecessárias, porque não vai mudar. A gente trabalha por um aplicativo, então não é uma empresa... assim... uma empresa de carteira assinada. **Então eu acho, às vezes, desnecessárias essas paralisações, mas eu não fico contra, nem a favor.** (Helena)*

Os pontos de vista dos entregadores sobre as lutas sociais podem ser divididos entre aqueles que veem a necessidade de luta pela categoria e aqueles que, apesar de enxergarem a precariedade do trabalho, acreditam ser uma luta em vão, devido à ausência de vínculo empregatício. Isso demonstra que há ausência do reconhecimento dos trabalhadores enquanto classe social, principalmente pela dificuldade de distinção entre trabalhadores e gestores, resultado de um discurso massificante que não reconhece os entregadores/motoristas como trabalhadores empregados da empresa (DIAS, 2020).

A relação de poder exercida pelas empresas-aplicativos sobre os entregadores influencia a forma, o sentido e o significado atribuídos ao trabalho dos entrevistados. A ausência de reconhecimento de vínculo empregatício e de seguridade social causa desamparo e insegurança à ocupação. Da mesma forma, os ganhos baixos geram frustração e o sentimento de desvalorização. Por fim, a gestão *gamificada* modela o comportamento dos entregadores para que a forma do trabalho atenda aos objetivos traçados pelas plataformas, o que leva à intensificação do trabalho para geração de maiores lucros às empresas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A uberização do trabalho é um tema de importância ímpar, dado o crescimento da classe trabalhadora sujeita a essa relação de trabalho na sociedade capitalista. Essa relação trabalhista avança sobre novos setores econômicos e categorias profissionais em decorrência de altas taxas de desemprego e reformas trabalhistas que usurpam direitos dos trabalhadores.

Com a análise dos discursos aqui expostos, foi possível constatar que ao trabalho, nesse tipo de relação, estão vinculados sentidos que reduzem essa ocupação à função de subsistência. Os entregadores de aplicativos são impelidos a esse tipo de relação trabalhista pela ausência de oportunidades, de postos de trabalhos formais e pela indispensabilidade de suprimento de necessidades básicas.

Além disso, o trabalho como entregador de plataforma é marcado principalmente por rotinas exaustivas, insegurança e baixos ganhos. Ademais, devido à forma mentirosa com que as plataformas se posicionam sob a alegação de serem “somente mediadoras” do processo, são camuflados a ausência de vínculo empregatício, os riscos e os custos relacionados à execução

da atividade laborativa que são transferidos aos trabalhadores, o que promove intensificação da jornada de trabalho e exclusão de seguridade social.

Em decorrência disso, os significados atribuídos a esse trabalho são negativos e relacionam-se, principalmente, a um fazer inseguro, custoso, cansativo, limitante e árduo. O sentimento de desvalorização que acompanha os sentidos manifestos pode expressar muito bem a natureza desse fazer, que, mais que uma nova forma de exploração das pessoas pelo trabalho, pode demarcar a despersonalização de seus corpos, constituindo, assim, um instrumento de degradação física e mental que reifica os trabalhadores.

Não se pretende, com esta pesquisa, dar por encerrada a discussão do tema. Pelo contrário, busca-se iniciar novos debates que se proponham a discutir a uberização e o trabalho de entrega por aplicativos por meio da perspectiva dos próprios trabalhadores imersos nesse processo.

REFERÊNCIAS

ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização: a era do trabalhador just-in-time?. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 34, n. 98, p. 111-126, abr. 2020.

ABILIO, Ludmila Costhek. Uberização: do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. **Psicoperspectivas**. Individuo y Sociedad, [S.L.], v. 18, n. 3, p. 1-11, nov. 2019.

American Occupational Therapy Association. Occupational therapy practice framework: Domain and process – 4th. edition. **American Journal of Occupational Therapy**. [S.L.], v. 74, p. i – 96, 2020. Suplemento 2.

ANTUNES, Ricardo. Desenhando a nova morfologia do trabalho no Brasil. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 28, n. 81, p. 39-53, ago. 2014.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.

ARAÚJO, Lucivaldo da Silva. **Religiosidade e Saúde Mental: enredos culturais e ecos clínicos**. Jundiá: Paco Editorial, 2016.

ARAÚJO, Marley Rosana Melo de; MORAIS, Kátia Regina Santos de. **Precarização do trabalho e o processo de derrocada do trabalhador**. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 1-13, 30 dez. 2017.

ARPEN – Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais. 2022. Disponível em: <<https://arpenbrasil.org.br/>>. Acesso em 2 jun, 2022.

BIANCHI, Sabrina Ripoli; MACEDO, Daniel Almeida de; PACHECO, Alice Gomes. A uberização como forma de precarização dos trabalhadores e suas consequências na questão social. **Revista Direitos, trabalho e política social**. Cuiabá, v. 6, n. 10, p. 134-156, jan./jun. 2020.

BRIDI, Maria Aparecida. A pandemia Covid-19: crise e deterioração do mercado de trabalho no Brasil. **Estudos Avançados [online]**, v. 34, n, 100, p. 141-165, nov. 2020.

CARRASCO, Jimena; OLIVARES, Daniela. Haciendo camino al andar: construcción y comprensión de la Ocupación para la investigación y práctica de la Terapia Ocupacional. **Revista chilena de terapia ocupacional**, n. 8, p. ág. 5-16, 2008.

CARVALHO, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. Ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

- CHRISTIANSEN, Charles. The complexity of human occupation. In: CHRISTIANSEN, Charles; BAUM, Carolyn Manville; BASS-HAUGEN, Julie. **Occupational therapy: performance, participation, and well-being**. 3. Ed. Thorofare: Slack Incorporated, 2005. p. 2-23.
- CLARK, Florence; WOOD, Wendy; LARSON, Elizabeth. Ciência Ocupacional: legado da Terapia Ocupacional para o século XXI. In: Neistadt, Maureen; Crepeau, Elizabeth Blesedell. **Willard & Spackman: Terapia Ocupacional**. 9. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara & Koogan, 2002, p. 10-15.
- CLARK, Florence, ZEMKE, Ruth. **Occupational Science: the evolving discipline**. Philadelphia: F.A. Davis Company, 1996.
- COLTRO, Alex. A fenomenologia: um enfoque metodológico para além da modernidade. **Caderno de pesquisas em administração**. São Paulo, v. 1, n. 11, jan/fev/mar, 2000.
- DIAS, Matheus Felipe Gomes. Uberização: reflexos da precarização do trabalho no século XXI. **Boletim de conjuntura (BOCA)**. Boa Vista, v. 4, n. 10, 2020.
- DICKIE, Virginia. O que é Ocupação?. In: CREPEAU, Elizabeth Blesedell; COHN, Ellen S.; SHELL, Barbara Boyt. **Willard & Spackman: Terapia Ocupacional**. 11 ed. Tradução de Antonio Francisco Dieb Paulo et al. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.
- DORNA, Livia Borges Hoffmann. O trabalho doméstico não remunerado de mães na pandemia da COVID-19: mudanças e permanências. **Laboreal [online]**, Porto, v. 17, n. 1, jun. 2021.
- DUARTE, Fernanda da Costa Portugal; GUERRA, Ana. Plataformização e trabalho algorítmico: contribuições dos Estudos de Plataforma para o fenômeno da uberização. **Revista Eptic**. [S.l.], v. 22, n. 2, maio/ago, 2020.
- ENGELS, Friedrich. **O papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. 4. ed. São Paulo: Global, 1990.
- GALVAAN, Roshan. Occupational choice: The significance of socio-economic and political factors. In: WHITEFORD, G. E.; HOCKING, C. **Occupational Science: Society, Inclusion, Participation**. 1 ed. Chichester: Blackwell Publishing, 2012. p. 152 – 162.
- GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- HASSELKUS, Betty Risteen. The world of everyday occupation: real people, real lives. **American Journal of Occupational Therapy**. s.l, v.60, n.6, p.627-640, 2006.
- HOCHMAN, Bernardo et al. **Desenhos de pesquisa**. Acta Cir. Bras., São Paulo, v.20, n.2, p. 2-9, 2005.
- KIELHOFNER, Gary. et al. O Modelo de Ocupação Humana. In: CREPEAU, Elizabeth Blesedell; COHN, Ellen; SHELL, Barbara Boyt. **Willard & Spackman: Terapia Ocupacional**. 11. Ed. Tradução de Antonio Francisco Dieb Paulo et al. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.
- LILLO, Silvia Gomez. La ocupación y su significado como factor influyente de la identidad personal. **Revista Chilena de Terapia Ocupacional**, [S. L.], v. 1, n. 3, p. 43-47, out. 2003.
- MANSINI, Elcie Fortes Salzano. O enfoque metodológico de pesquisa em educação. In: FAZENDA, I (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1989.
- MELO, Maria Lúcia de Almeida. Contribuições da hermenêutica de Paul Ricoeur à pesquisa fenomenológica em psicologia. **Psicologia USP**. [S. l.]. v. 27, n.2, p 296-306, 2016.
- MUCHIELLI, Alèx. **Les Methodes Qualitatives: que je sais?** Paris: Presses universitaires de France, 1991.

- NASCIMENTO, Líbia Luiza Carneiro do; REIS, Cacilda Ferreira dos. As condições de trabalho dos entregadores e entregadoras por aplicativos no Brasil durante a pandemia. **Revista Princípios**, s.l., n. 160, fev. 2021.
- NELSON, Barnaby; RAWLINGS, David. Its Own Reward. A Phenomenological Study of Artistic Creativity. **Journal of Phenomenological Psychology**, v. 38, n. 2, p. 217-255, 2007.
- Núcleo de Estudos Conjunturais da Universidade Federal da Bahia. **Levantamento sobre o Trabalho dos Entregadores por Aplicativos no Brasil**: Relatório 1 de pesquisa. [S.l.]. 2020
- OLIVEIRA, Ingrid Bergma da Silva. **Tecendo saberes: fenomenologia do tratamento da dependência química**. 2007. 117f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Social) – Universidade Federal do Pará: PPGP, 2007.
- PEREIRA, Luana Teixeira et. al. Caracterização das ocupações de moradores de uma comunidade ribeirinha na Amazônia brasileira. **Revista Ocupación Humana**. s/l, v. 18, n. 2, p. 5-19, 2018
- PINTO JUNIOR, Antonio Augusto. Violência Doméstica contra Crianças e Adolescentes. In: _____. **Violência Sexual doméstica contra meninos: um estudo fenomenológico**. São Paulo: Vetor, 2005. p.23-40.
- RICOEUR, Paul. **Interpretação e Ideologias**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- RIGOTTO, Simone Demore; GOMES, William. Contextos de abstinência e de recaída na recuperação da dependência química. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.18, n.1, p.95-106, 2002.
- ILVA, Ana Raquel; SIME, Mariana Midori. Barreiras e facilitadores do retorno ao trabalho após traumas ortopédicos agudos em membros superiores: uma revisão integrativa da literatura. **Cad. Bras. Ter. Ocup.** São Carlos, v. 27, n. 2, p. 426-437, 2019.
- SOARES, José Montanha. O lazer e o tempo do não trabalho no capitalismo: as ilusões do consumo. **Licere**, Belo Horizonte, v.22, n.3, set. 2019.
- TRIVELLATO, Márcia Carolina Santos; PAIXÃO, Tamiris Vilas Bôas. A flexibilização dos tempos de trabalho como base do adoecimento. **Revista Direitos, trabalho e política social**. Cuiabá, v. 6, n. 10, p. 110-133, Jan./jun. 2020.
- TURATO, Egberto Ribeiro. Viabilizando a etapa do trabalho de campo. In: _____. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construções teórico-epistemológica discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**. 3 ed. Petrópolis: Vozes. 2008. p. 305 – 349.
- VASCONCELOS, Yumara Lúcia. trabalho e identidade social: breves reflexões sobre as relações terceirizadas. **Diálogos Interdisciplinares**, [S. L.], v. 2, n. 9, p. 174-193, 2020.
- VIDIGAL, Viviane. Game over: a gestão gamificada do trabalho. **Revista Movimentação**, Dourados, v. 7, n. 13, jul./dez. 2020.
- VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**. Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago/dez, 2014.
- WILCOCK, Ann. A theory of the human need for occupation. **Occupational Science: Australia**, [S. L.], v. 1, n. 1, p. 17-24, abr. 1993.

Recebido em: 15/10/2023

Aceito para publicação em: 10/02/2024